

INTRODUÇÃO

Imaginação do mesmo: a diferença na repetição

No âmbito da X Semana Cultural da Universidade de Coimbra, organizada sob o mote do conceito de imaginação, o então Grupo de Estudos Germanísticos da Faculdade de Letras levou a cabo um pequeno colóquio a que deu o título em epígrafe e que veio a realizar-se em 5 de Março de 2008. Subjacente à concepção deste encontro estava a consciência da centralidade do modo da repetição como gesto definidor das práticas culturais e estéticas contemporâneas. Na verdade, o contexto teórico do chamado pós-modernismo, ao colocar em perspectiva e lançar em descrédito o *pathos* do novo cultivado, em paralelo, pelas vanguardas modernistas e pela ideologia da modernização, contribuiu poderosamente para que o conceito de repetição viesse a adquirir um estatuto determinante no panorama contemporâneo. Ao mesmo tempo, contudo, de modo só aparentemente paradoxal, o conceito de imaginação surge igualmente valorizado – uma imaginação que se exprime, não no gesto mais ou menos grandiloquente da ruptura radical, mas na ocupação intersticial do espaço da tradição e na deriva infinita a partir do repertório disponível. Trata-se de imaginar a diferença a partir da repetição, o que significa que a inovação e transformação se situam, não na impossível invenção de um gesto inaugural ou de um momento de origem, mas sim em modos de inscrição nascidos de uma capacidade produtiva de articulação ou mesmo, simplesmente, de interpolação.

Não sendo este o lugar para perseguir, nas suas múltiplas implicações, nomeadamente filosóficas, o lugar do problema da repetição no horizonte cultural da modernidade, limitar-me-ei a assinalar que é esse problema – que atravessa

transversalmente os estudos literários, os estudos culturais e os estudos do discurso e da linguagem – que constitui o fio condutor que, de diversas maneiras, percorre os quatro estudos que a seguir se apresentam. Por vicissitudes que seria longo esclarecer, a publicação prevista destes textos não veio a ter lugar. Recuperámo-los agora, em versão revista e pontualmente acrescentada, para figurarem na em boa hora renascida revista da Germanística portuguesa, certos de que não poderiam encontrar melhor lugar.

António Sousa Ribeiro